

Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal

CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Org.). *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. 1ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, v. 1..

Por Julia da Silva Boaventura¹

Artigo recebido em junho de 2023
Artigo aprovado em agosto de 2023

A temática do colonialismo é ponto de discussão para várias áreas das ciências, sobretudo das chamadas ciências humanas, pois a mesma, com todas as suas formas de exploração e ampliação, originou o sistema capitalista em vigência atualmente. No entanto, o que temos hoje é uma nova forma de colonização, realizada de forma diferente e com novas ferramentas, essas afirmações são trazidas na obra “Colonialismo de dados” que reúne 10 artigos que mostram o quanto os algoritmos funcionam como captadores de dados que atraem os usuários e os submete a dependência. A coletânea é dividida em dois momentos: os primeiros cinco artigos tratam de forma mais abrangente o tema do colonialismo e os outros cinco restantes, inseridos na parte dois, tratam da influência dos algoritmos em determinadas áreas da vida social. Além disso, a obra reconhece a importância da ascensão da tecnologia, bem como o fato de que ela não beneficiou a todos de maneira igual e traz como objetivo principal a reflexão da ação da tecnologia como meio de captura e armazenamento de dados a fim de servir ao capitalismo por meio de propagandas e outros.

O primeiro capítulo intitulado “O Sul Global e os desafios Pós-coloniais na era digital” traz um recorte histórico do tema “colonização” que teve, em um primeiro momento, a estratégia de invasão de terras e que, atualmente, atua com invasão de dados. Essa seria a nova fase do colonialismo, chamada de colonialismo de dados, e sua ação é se apropriar dos dados para promoção do capitalismo. O grande perigo dessa forma de apropriação é que além de ser normalizada, muitas vezes não são percebidas, além de continuar gerando desigualdades.

No capítulo “A hipótese do colonialismo de dados e o Neoliberalismo” é exposto o quanto o neoliberalismo reforça a colonialidade, uma vez que os produtos digitais internacionais estão a pronto serviço e, dessa forma, será uma opção mais rápida do que apostar no investimento e fortalecimento em produtos que sejam fruto da inteligência digital nacional. Além disso, reforça a inocência dos colonizados uma vez que, acreditam que as plataformas digitais são neutras, de contratos confiáveis (ainda que sejam internacionais e, com isso, podem estar fora da jurisdição), além da crença de que os impactos da coleta de dados são os mesmos em países centrais e periféricos.

O artigo 3, nomeado “A colonização de dados como produtos das operações das mídias sociais no Sul Global” traz as semelhanças existentes entre o colonialismo histórico e o colonialismo de dados, reforçando a apropriação de recursos, amplificação de relações econômicas e sociais de forma a assegurar essa apropriação, a distribuição desigual dos recursos extraídos e a propagação de visão de mundo que dá sentido a lógica colonialista. Além disso, traz também a desigualdade entre os dois colonialismos, ressaltando que o colonialismo de dados não utiliza violência física, porém, é excludente. Essas ideias também são evidentes no capítulo quatro, cujo título é “Colonialismo digital: Dimensões da colonialidade nas grandes plataformas” que ressalta que agora, o que é de pretensão ser conquistado pelas grandes empresas é a chamada tecnologia digital, que se expandem por todo o mundo e acarretam dependência.

O capítulo “Colonialidade difusa no aprendizado da máquina: camadas de opacidade algorítmica na Imagenet” demonstra o quanto o capitalismo de dados tende a crescer cada vez mais e o quanto os dados realmente relevantes está restrito aqueles que têm acesso ao poder de coleta e processamento, ou seja, uma minoria. Esse artigo ilustra o quanto os países do Sul Global estão subordinados aos países do Norte Global quando o assunto é tecnologia. Contudo, para que essas ferramentas sejam idealizadas e implementadas, utiliza-se trabalho terceirizado do Sul Global. Além disso, os ideais operacionais das máquinas são orientados de acordo com as culturas do Norte e isso influencia inclusive em buscas em bases de dados como google.

O capítulo 6, cujo título é “Inteligência artificial, algoritmos preditivos, e o avanço do colonialismo de dados na saúde pública brasileira” versa a respeito da utilização da inteligência artificial na área da saúde. Dentre os diversos impactos positivos destacam-se diagnósticos e tratamentos mais precisos, monitoramento constante de pacientes, ampliação dos serviços, dentre outros. Além disso, a autora ressalta que, apesar de serem máquinas, os equipamentos são programados por humanos, ou seja, não necessariamente são neutros, podendo ter propriedades políticas, econômicas e sociais. No que tange às formas de produzir lucro relacionado a essa política, pode-se dizer que as grandes corporações investem na coleta desses dados, que são muito úteis para indústria farmacêutica e empresas de planos de saúde.

O capítulo “Universidades Federais Brasileiras a serviço da lógica colonial de exploração de dados” trata da utilização da inteligência artificial nas universidades brasileiras problematizando o fato que a pandemia intensificou a utilização de ferramentas no Norte Global na vida acadêmica, e não apenas, mas também de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Essa problematização se dá principalmente, porque dados importantes de diversas áreas podem estar sendo coletados pela inteligência artificial internacional. A autora afirma que esse cenário coloca as universidades em um lugar de ali-

nhamento com as dinâmicas impostas pelo mercado. Além disso, é aferido que a invasão das tecnologias no âmbito universitário se dá principalmente em 2016, momento de grandes cortes orçamentários na área da educação superior brasileira.

O capítulo 8, de título “Às tendências neoliberais e dataficadas da incorporação tecnológica nas cidades” trata das tendências da inteligência artificial afirmando que a mesma atua em todas as esferas da vida social. O autor aborda as chamadas *smart city*, ou seja, a ideia de que as cidades devam ser desenvolvidas tecnologicamente. A grande problemática desse modelo é que ele desconsidera as questões políticas, econômicas e sociais, reproduzindo e normalizando desigualdades. Além disso, essas tecnologias não são pensadas para essas cidades, geralmente são ferramentas estadunidenses que são implementadas e importadas sem levar em consideração as particularidades e necessidades da cidade.

O capítulo “Locação de algoritmos de inteligência artificial da Microsoft no Brasil: Reflexões, dataficação e colonialismo” fala dos algoritmos de aluguel, ou seja, aqueles em que se paga um valor pela utilização dos seus serviços. O autor afirma que o uso desses algoritmos gera um ciclo de dependência cada vez maior e isso faz com que as instituições se rendam ao uso desses artefatos ao invés de criar uma alternativa que seja nacional e pensada a partir da realidade Sul Global. Nesse quesito, a atuação do governo brasileiro é de extrema importância uma vez que pode incentivar ou resistir à ação do colonialismo de dados, já que o Brasil é um país de colônia de dados.

No artigo 10, cujo título é “Possibilidades de resistência: o caso da moeda digital indígena OYXABATEN”, o autor defende que o colonialismo é reproduzido uma vez que as chamadas criptomoedas atuam de forma a servir a lei da demanda e da oferta do mercado, além de serem naturalizadas com o discurso inclusive de que, atinge a todos de forma igualitária uma vez que não depende de fator de renda ou capacidade produtiva, quando na verdade, os indivíduos que ga-

nham mais são aqueles que possuem uma compreensão computacional abrangente. O autor traz a reflexão de pensar as ferramentas da inteligência artificial com uma perspectiva de lugar, o exemplo utilizado é das OYX's, criptomoedas criadas pelos indígenas da região do Mato Grosso para autonomia e fortalecimento da própria comunidade, dessa forma, a OYX tem um destino prévio e seu valor não se altera conforme o mercado.

As questões trazidas pela obra nos levam a reflexão do quanto a colonização de dados é naturalizada e, muitas vezes, imperceptível. Além disso, a importância da coletânea está atrelada às próprias políticas públicas que, muitas vezes, utilizam como base de dados, ferramentas internacionais de confiabilidade duvidosa. Para abrangência e reprodução do capitalismo, o colonialismo se atualiza de forma constante.

Nota

- 1 Assistente social formada pela UNIRIO, pós-graduanda em políticas sociais e intersectorialidade pelo IFF/FIOCRUZ. ORCID n.º iD 0009-0009-9583-2961. E-mail: juliaboaventura83@gmail.com

 10.17771/PUCRio.OSQ.65398